



Ideologia, plataforma de governo, afinidade. O **Correio** conversou com eleitores dos quatro principais candidatos à Presidência, segundo as pesquisas, para saber o que vai pesar hoje na hora de apertar “confirma” na urna

# O voto que pode mudar o país

» RAPHAEL PATI\*  
» JOÃO GABRIEL FREITAS\*

Na festa da democracia, todos são convidados. Em uma eleição presidencial com representantes de diversos espectros políticos, o brasileiro poderá exercer o seu direito ao voto, escolhendo aquele com quem mais se identifica. Pensando nisso, o **Correio** conversou com eleitores dos quatro candidatos à disputa ao Planalto mais bem colocados nas pesquisas para saber o que motivou o voto a ser dado hoje nas urnas.

De acordo com o Instituto Datafolha, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lidera a corrida ao primeiro turno, com 50% dos votos válidos, em levantamento divulgado ontem. Filiação ao Partido dos Trabalhadores desde 1986, o servidor aposentado Joaquim Rodrigues, 56 anos, diz que vota em Lula em razão de sua política para os mais pobres.

“A imprensa é testemunha que a vida das pessoas mais carentes que passam por dificuldades melhorou muito em todos os aspectos. Deu moradia para quem não tinha onde morar. Já vi muita gente caindo no choro por só tomar o primeiro banho de água quente com 30 anos porque a energia não chegava onde morava.”  
O servidor saiu do Piauí aos 10 anos para morar em Brasília, onde, mais tarde, conseguiu uma vaga para estudar na Universidade de Brasília (UnB). E defende a política de incentivo para ingresso em federais aos estudantes mais desfavorecidos realizada durante o governo petista.

“O companheiro Lula criou essa oportunidade, com mais vagas nas universidades públicas, financiando cursos e universidades particulares. E mais ainda, criou as cotas para o pagamento da dívida de mais de 300 anos de escravidão que a elite brasileira impôs ao povo. Todo jovem tem o direito à oportunidade”, ressalta.



Servidor aposentado, Joaquim Rodrigues vota em Lula pela política para os mais pobres



O engenheiro Guilherme Guaraná escolhe Bolsonaro pelos “princípios e valores”

## Valores

Para o engenheiro civil Guilherme Guaraná, 28 anos, morador de Sobradinho, o mais determinante na hora de votar são os valores de cada candidato. “Tenho princípios e valores muito sólidos: não voto em quem apoia aborto, drogas, ideologia de gênero, bandido, ditadura, censura ou quem quer desarmar a população. Qualquer candidato com esse perfil não merece voto”, opina.

Eleitor de Jair Bolsonaro (PL) em 2018, o engenheiro diz que pretende repetir a escolha. Candidato à reeleição, o presidente aparece em segundo colocado na Datafolha, com 36% dos votos válidos. “Nossa crença e as nossas crianças estão sendo prejudicadas por essa esquerda. O Bolsonaro é um dos caras que vieram para defender a família,

defender a Pátria e a ideia de que cada um pode fazer o que quiser da sua vida, mas sem impor às crianças a ideologia de gênero na escola. A escola deve ensinar português e matemática, e não ideologia de gênero”, destaca.

Educação também motiva a escolha do estudante de direito Pedro Merheb, 23 anos, morador na Asa Norte. O candidato, contudo, é outro. “Voto no Ciro Gomes (PDT), desde a adolescência”, diz ele, que acredita na necessidade de investimento na juventude para o avanço do país. “Acho que a prioridade é a sofisticação do modelo de ensino para ampliar a capacidade da juventude. Não podemos insistir nesse tradicionalismo se quisermos progredir.”

“Sou ‘cirista’ desde as eleições 2018 (...) Agora, ele se mostrou, mais uma vez, o único candidato com um projeto de

desenvolvimento nacional realmente sólido que contemple a necessidade do país com começo, meio e fim.”

## Fuga à polarização

Há também aqueles que fizeram sua escolha baseados na vontade de fugir da polarização. Um exemplo é a estudante Celianny Moura, 23 anos, de São Paulo, que diz apoiar Simone Tebet (MDB). “Jamais votaria em Bolsonaro ou em Lula. Eles são duas faces da mesma moeda: do populismo, da corrupção, do desrespeito. Não confio em candidatos que se intitulam ‘salvadores da pátria’. O salvador da Pátria é o povo brasileiro, que luta todos os dias.”

Inicialmente, a escolha de Celianny era o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite (PSDB). Após a desistência

do tucano de concorrer ao Planalto, contudo, ela viu na emendista uma alternativa que se encaixava nas suas preferências. A eleitora aprova, inclusive, o desempenho da senadora nos debates com outros candidatos.

“Quando surgiu a indicação de Simone, comecei a me identificar com a personalidade corajosa que ela tem, inclusive ao explicar os projetos que não são bem vistos pela mídia, a exemplo da exploração das nossas terras. Eu também acredito nisso. Acho que por ela ser mulher facilita na identificação, mas não é determinante. Antes de ser homem ou mulher, para mim, o candidato que eu apoiaria teria que ser corajoso para se lançar no atual cenário. E ela vem mostrando muito bem isso, principalmente nos debates”, diz.

Celianny completa que apoia

o desenvolvimento sustentável proposto por Tebet sobre a relação entre agro e meio ambiente. E discorda da ideia de que a candidata propõe políticas nocivas à natureza. “Simone tem bom senso quando incentiva o agronegócio no Brasil. Isso porque quando não exploramos e dependemos de outros países, inclusive daqueles de regimes ditatoriais, estamos financiando guerras, o que não é algo democrático. Ao mesmo tempo, ela promete combater o desmatamento ilegal, o que é correto.”

Segundo ela, as propostas de Tebet viabilizam o desenvolvimento sustentável. “É possível o meio ambiente e o agro andarem juntos”, emenda a jovem paulista.

\*Estagiários sob a supervisão de Andreia Castro

## Recorde de eleitores no exterior

VICENTE NUNES  
CORRESPONDENTE

**Lisboa** — O Ministério de Relações Exteriores do Brasil montou a mais arrojada estrutura da história para que brasileiros que vivem fora do país possam votar nas eleições presidenciais deste ano. Pelos cálculos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mais de 697 mil cidadãos estão aptos a registrar hoje suas escolhas nas urnas eletrônicas. Trata-se de um aumento de 39% ante o pleito de 2018.

A fim de reforçar a segurança das urnas eletrônicas, que estão em operação desde 1996 sem que nenhuma suspeita de fraude tenha sido comprovada, o Itamaraty despachou várias equipes para os principais locais de votação no mundo. O chanceler Carlos França se encarregou de ir pessoalmente à Flórida para garantir que os eleitores exerçam o pleno direito à cidadania. No total, haverá eleições em 181 cidades. Os Estados Unidos puxam a fila de eleitores, seguidos por Portugal e Japão.

Em 2018, o presidente Jair Bolsonaro, então no PSL, consagrou-se como vencedor no exterior, com quase três vezes o total de votos dados a Fernando Haddad, do PT

— 131.671 contra 53.730. “Neste ano, porém, a disputa será mais acirrada”, acredita o cientista político André Rosa. “O perfil dos brasileiros que saíram do país nos últimos quatro anos é bem diferente daquele que já vivia no exterior nas eleições de 2018. Além disso, há um oponente a Bolsonaro bem mais competitivo, o ex-presidente Lula”, acrescenta. Para ele, outro fator deve ser levado em conta: assim como no Brasil, muitos eleitores de Bolsonaro no exterior se decepcionaram com ele e prometem não repetir os votos. “Tudo isso deve ser considerado”, acredita.

## Representatividade

O aumento no número de eleitores brasileiros em determinadas localidades impressiona. Em Dublin, na Irlanda, o incremento frente a 2018 foi de 465% (de 2.111 para 11.946 eleitores). Em Lisboa, Portugal, houve um salto de 113%. A capital portuguesa, com 45.273 votantes, subiu da sétima para a primeira posição entre os colégios eleitorais fora do Brasil. Crescimento semelhante se viu no Porto, também em Portugal, agora com 30.098 autorizados a irem às urnas (+110%), e em Paris,

França, que passou a contar com 22.629 eleitores (+104%). Nesses grupos estão cidadãos mais escolarizados.

Na avaliação do cientista político Rafael Favetti, apesar do avanço significativo no total de eleitores brasileiros no exterior, em termos proporcionais, eles pouco representam no universo de 156 milhões de cidadãos cadastrados pelo TSE. Contudo, trata-se de um estrato que se move muito pela imagem do país no exterior. E, neste momento, há um descontentamento enorme com o governo de Jair Bolsonaro.

Historicamente, a abstenção entre eleitores brasileiros no exterior é alta. A grande pergunta que todos se fazem é se, com a polarização que dá o tom da disputa presidencial no Brasil, eles se sentirão mais estimulados a se deslocarem para os locais de votação. Há vários casos em que os votantes precisam se deslocar por horas de carro ou de transporte público. Como lembra o professor Antonio Lavareda, sociólogo e presidente do Conselho Científico do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe), “o nível de abstenção será relevante para os resultados, no Brasil e no exterior”.

## Votação mundo afora

Número de eleitores brasileiros no exterior aptos a votar nas eleições presidenciais deste ano é recorde

### Os 10 principais colégios eleitorais

Estados Unidos, Portugal e Japão se destacam em números de votantes cadastrados para irem às urnas

